

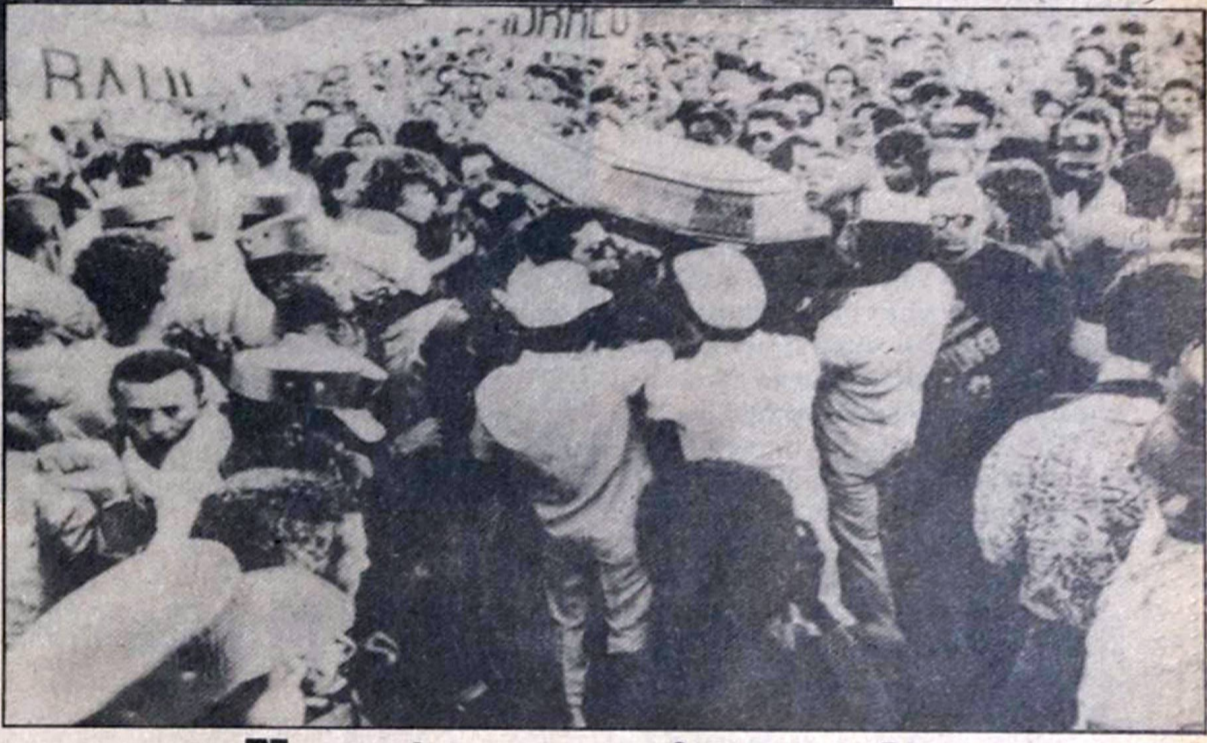


No aeroporto de Congonhas, os fãs chegaram ao desespero por não poderem ver o caixão de Raul Seixas antes de ser levado a Salvador. E mais vidros foram quebrados.



## ★ Música

No Anhembi (lado) ontem, era grande o desespero dos fãs, durante o velório. Em Salvador, não faltou a faixa "Raul não morreu" e algum tumulto na hora do enterro. Eram milhares de fãs para o adeus a Raul (abaixo).



## No enterro, mais tumulto.

Logo que as rádios de Salvador começaram a tocar, ontem pela manhã, as músicas do cantor e compositor Raul Seixas, milhares de fãs partiram para o cemitério Jardim da Saudade para prestar a última homenagem ao ídolo.

O roqueiro Marcelo Nova, que veio no jatinho da Lider que transportou o corpo do parceiro de São Paulo a Salvador, dizia que com Raul "morreu o último dos originais", uma pessoa "excepcional", bem diferente "do que a mídia pintava dele".

Mas, no aeroporto Dois de Julho, além do irmão de Raul, Plínio Seixas, e alguns amigos mais íntimos da família, apenas dois fãs foram receber o corpo do roqueiro, que chegou por volta das 13 horas: o estudante Dionizio Valença, de 17 anos, para quem "Raul estava bem melhor agora, pois finalmente encontrou sua Sociedade Alternativa", e Fernando Aranha, 39 anos, que esperava ver "Raul levantar do caixão e pregar mais uma peça no público".

No velório também estava Décio Gama, antigo companheiro de Raul, que tentava resgatar a história do roqueiro. Com uma foto do conjunto "Relâmpagos do Rock" na mão, tirada em 1962, ele garantia que esse havia sido o primeiro conjunto de Raul Seixas. Na foto, um Raul sem barba, cabelo baixo com topete e ternão, era uma imagem bem diferente do cabeludo irreverente e anarquista autor de "Sociedade Alternativa" e "Metamorfose Ambulante" dos anos 70.

O corpo foi levado para a capela A do Cemitério Jardim da Saudade, aberta à visitação pública às 14 horas. Os pais do músico, Raul Varela Seixas, 70 anos, e Maria Eugênia Seixas, 68 anos, abraçaram o caixão entre prantos. Parentes tentaram retirar os dois, mas dona Eugênia resistiu e acabou ficando ao lado do esquife rezando com um terço na mão. Enquanto isso, uma imensa fila começava a ser formada pelos fãs, gente de todo o tipo, velhos, jovens, quarentões como Raul e remanescentes do movimento hippie.

Os fãs do roqueiro iniciaram um tumulto por volta das 16 horas, quando foi iniciada a missa de corpo presente, porque foram interrompidas as visitas. Uma multidão se aglomerou na porta da capela e tentou invadi-la, sendo impedida por dez homens da Polícia Militar. Diante disso, começaram a gritar em coro o nome do ídolo e a cantar suas músicas, principalmente "Metamorfose Ambulante". Logo depois, o corpo deixava a capela em direção à sepultura, acompanhado por um cortejo. Novamente as pessoas cantavam. Quando o corpo começou a baixar na sepultura, houve empurrão-empurrão da polícia e um outro pequeno tumulto. Os fãs desta vez reagiram com uma música dos Titãs: "Polícia, para quem precisa de polícia".

O irmão de Raul, Plínio, que chegou a tocar baixo num dos conjuntos formados pelo roqueiro, o "Eles Quatro", no final da década de 70, disse que a morte de Raul não foi uma surpresa por causa da sua doença. Lembrou a figura "amorosa" do irmão, muito diferente do papel que fazia nos palcos.

Biaggio Talento/AE



Marcelo Nova, no Anhembi.

## MARCELO NOVA: "NÃO VOU SER UM NOVO RAUL".

Marcelo Nova, companheiro musical de Raul Seixas, nos últimos, achava a coisa mais normal do mundo não ter vedetes da TV, grandes astros, no velório de Raul Seixas. "Nós vivíamos fora do circuito in", explicou. Ao mesmo tempo, ele estava um pouco amargo — e cético — quando olhava tantos jornalistas, gente de rádios, das tevês. "A mídia tinha uma visão muito negativa do Raul; agora ele vira herói?"

lembra Marcelo — era cortante: "O rock-and-roll morreu com o nascimento dos Beatles". Quanto a Raul, Marcelo acha que ele, no fundo, era vilipendiado por pessoas que o cercavam — e que o drogavam e carregavam para shows que não podiam fazer. Tudo bem diferente desse ciclo final da vida de Raul Seixas, tentando se recuperar, procurando algum método na loucura.

Marcelo não gosta que digam que ele vai "seguir o caminho de Raul ou ser um novo Raul". Nada disso, exclamou. "Raul foi um universo completo." Ele falava com orgulho dos cinquenta shows que fez com Raul em onze meses. Raul compareceu a todos, sem bebidas, sem drogas, inteiro.

Agora, Marcelo vai trabalhar na promoção do disco que gravaram juntos, o **Panela do Diabo**. Para isso, seguirá um circuito por muitos lugares do Brasil. Raul ia fazer esse circuito. Se ia. Estaria inteiro — imagina — para tanto. Mas Raul foi embora.

Isso deixava Marcelo mais feliz ainda, porque Raul foi o responsável por sua entrada no mundo do rock. Depois que o viu num distante show na Bahia decidiu que, um dia, seria astro, seria roqueiro. Deu certo — e ainda terminou unindo seus passos aos de Raul Seixas, que não fazia shows há cinco anos...

— E pensar que uns dias atrás a gente voltava de nosso último show em Brasília, e o Raul começou a brincar dizendo: "Marselhesa (era assim que chamava Marcelo), pô, Marselhesa, olha como esse avião está tripudando... Ele pode cair, Marselhesa... Ele cai e a gente morre. Como a gente arrisca a vida, Marselhesa. MF

Marcelo lembrava as paixões do Raul. Ele adorava Elvis. Ele achava que o rock-and-roll era Elvis, Chuck Berry, isto sim. Eles. Mas parece que todo um tipo de roqueiro está marcado por alguma coisa chamada "tragédia". Raul —

# ELES CHORAM POR RAUL

Sob gritos de "Raul não morreu", música, vidros quebrados e muito nervosismo, o corpo de Raul Seixas foi velado por milhares de fãs, ontem, no Anhembi. A confusão continuou até ser embarcado para Salvador.

Milhares de garotos e garotas fizeram, ontem, pela madrugada, no hall do Palácio das Convenções do Anhembi, onde o corpo foi velado, um pacto de vida e morte diante do esquife de Raul Seixas. Gritavam e cantavam "Raul nunca morrerá", prometendo fidelidade eterna ao roqueiro. Um rapaz foi beijar o rosto de Raul que aparecia no ataudê — e quase desmaiou, caindo em cima do vidro — que se quebrou. Mais tarde, já pela manhã, uma multidão de "raulmaníacos" desesperados destruiu vidraças no aeroporto de Congonhas, porque não poderiam ver o caixão do ídolo, pela última vez.

Não era um velório. Foi um acampamento guerreiro. As músicas de Raul eram cantadas com verdadeira fúria. Para os que ali estavam, para muitos deles, pelo menos, Raul não era um santo, Raul era um "Deus". Um rapaz loiro, com aspecto de quem bebeu demais, respondia assim a uma piada:

— Eu não estou bêbado. Eu estou morto. Eu sou o Raul.

O corpo de Raul teve de ser levado quase à força do Anhembi para o aeroporto, o que só foi possível porque os bombeiros se encarregaram da tarefa. Uma moça nervosa atira uma folha de papel em cima do caixão, em que se pode ler: "Que vivam os loucos por natureza". Um garotinho que só diz ser o "Pena", raulmaníaco de séculos, confidencia ao ouvido do repórter que sabe onde Raul está:

— No céu ou no inferno, tocando guitarra com Jimi Hendrix.

Ondas musicais agitavam o velório, em arranques nervosos. As pessoas que saíam das filas do velório, para desfilar diante do ataudê, estavam se agregando numa espécie de serenata para o morto. Harmoniosamente, conduzidos por menestrelis com violões. "Eu sou a luz das estrelas; eu sou a luz do luar"... Trechos de músicas de Raul eram cantadas, e interpretadas como verdadeiras revelações. Em cada letra os fãs viam presságios e sinais misteriosos. Porque, para eles, Raul Seixas era mais do que um músico, um vidente e um profeta.

Apareciam bandos de colegiais. Alguns carregavam máquinas fotográficas e queriam fotografar tudo. Uns garotos estavam armados com violões, tinham os corpos tatuados com caras do Raul, tinham frases de Raul pintadas pelo corpo, ou vestiam camisas com a cara do Raul. Subitamente, desabavam sobre o cenário do Anhembi gritos meio alucinados.

— Raul não morreu! Raul não morreu!

E alguém gritava mais ao longe: — Rauluuullll, você não morreu! Havia poucas pessoas conhecidas: um ou outro repórter de TV, que tinha ido trabalhar, como Ernesto Paglia, da Globo; Marcelo Nova, amigo do Raul (veja matéria nesta página), que vinha fazendo shows com ele há um ano — e não passava daí. Ficava claro para todos que Raul Seixas era alguém muito à parte do mundo artístico, e que era mais próximo do mundo deles — dessas pessoas todas que tinham vindo, quantos, da periferia, ou de cidades do ABC, ou até de mais longe.

Um amigo de Raul de muitos anos, o maestro Miguel Cidras, um uruguaio, explicava que quando conheceu o artista ele era um rapaz tímido. Foi há muitos anos, quando ele, Miguel, fez o arranjo de "Ouro de Tolo" e de tantos outros hits de Raul. Nesse tempo, Raul tomava sucos naturais, andava com roupas sóbrias, era até meio assustado. Raul mudou muito, todos sabem... Bebeu muito...

"Mas vocês sabem o que são quinze mil cabeças olhando para você em cima de um palco? Quinze mil cabeças te adorando, e trinta mil olhos te vendo, examinando? Vocês imaginam como isso pesa — e o que é preciso fazer para agüentar essa situação?", perguntava ele.

Parecia um campo de futebol. De repente, uma nova onda de gritos percorria o velório.

— Raul! Raul! Raul! Era uma coisa tão desesperada que assustava: Sílvio Passos era, naquele ambiente, quase uma celebridade entre alguns raulmaníacos. No dia 26 de junho de 1981 ele tinha fundado o que dizia ser o primei-

ro clube de fãs de Raul Seixas — na Vila Edu Chaves, na zona norte. A data tinha uma influência mística, por ser o dia do aniversário do roqueiro que morreu. Para Sílvio, a fundação do fã-clube foi uma espécie de missão — porque ele já "tinha conseguido entender a mensagem de Raul". Assim como era uma missão dedicar, de agora em diante, todo seu tempo à tarefa de propagar as músicas e as mensagens de Raul Seixas.

Desde menino, eu vinha tentando entender as coisas que ele falava... Um dia entendi. E sei que morreu só a matéria de Raul, e isso é pouco", filosofava Sílvio, enquanto um amigo o apoiava. E dizia que o Fã-Clube de Seixas é puro e sincero. Muitos garotos, muitas meninas, alguns senhores, com filhos pendurados nas mãos e nos pescoços, carregavam discos de Raul, Sílvio aproveitou para comentar:

— Ter uma coleção de discos dele é muito mais do que um acontecimento musical. Uma coleção de discos do Raul é uma enciclopédia de conhecimentos.

À medida que a manhã chegava, aumentava a ansiedade — que se aproximava do desespero. "Pais-Nossos" se confundiam com a "Metamorfose Ambulante". Um tipo muito parecido com o próprio Raul Seixas despertava palavras confusas, Amorim Menezes, de 37 anos, que de tanto cantar músicas de Raul virou cantor.

— Minha voz é parecida com a dele...

Imitava o ídolo em tudo; na roupa, na barbicha, no olhar. Muitas pessoas ali no velório também imitavam. "Ele é meu mestre", dizia Amorim, enquanto anunciava que vai gravar um disco, que tem uma música do Raul... do Raul... do Raul... A música começa com uma frase assim:

"Sou o que sou sem mentiras... Pra mim, se você quer chegar, aceite assim..."

As meninas de um colégio estadual se agarravam chorando ao caixão. Os bombeiros se aproximaram e carregaram o esquife. Raul retornava a Salvador, na Bahia, sua terra natal.

(Marcos Faerman)

## CRÍTICA

### Andrea Chénier: uma noite de emoções.

Andrea Chénier foi até agora o espetáculo mais vibrante da temporada lírica de 89. A música apaixonada de Giordano imediatamente aqueceu o público que lotava o Municipal na segunda-feira à noite. Aprile Millo já é uma favorita entre os paulistanos, e ao entrar em cena foi saudado com aplausos. Ao final de sua grande ária do terceiro ato, "La Mamma Morta", ela foi histericamente ovacionada. A voz ampla e sonora continua redonda e rica e a cantora demonstrou ainda preocupação e habilidade em controlar um fraseado delicado e bem acabado, sem se restringir a um mero exibicionismo de potência. Dramaticamente, foi uma Madalena sincera e espontânea.



No Rio, um grande sucesso. Repetido aqui.

O romeno Corneliu Murgu impressionou bem. A voz é robusta e poderosa, qualidades indispensáveis para um bom Chénier. O timbre não é intrinsecamente belo e alguns sons são ásperos, apertados e metálicos. O fraseado um pouco duro lembra a rigidez de Mario del Monaco. No quarto ato deu a impressão de estar cansado, levando a voz ao limite do grito. Mas no "Improvviso" do primeiro ato, esteve muito bem e, no dueto do segundo, atingiu

com Aprile o ponto alto da noite, arrancando uma reação exaltada da platéia. O dueto final da ópera foi também incandescente.

Inspirado pelo calor da performance, Fernando Teixeira fez um belo e ardente Gérard, tirando bom proveito de sua cena "Nemico della Patria", do terceiro ato. A veterana Glória Queiroz, retomando a vida artística como a Condessa, mãe de Madalena, conserva o mesmo charme de sempre, mas a voz está bem gasta.

Pedro Vaz de Arruda